



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após reunião com o Primeiro-Ministro da Índia, Manmohan Singh**

**Nova Delhi – Índia, 15 de outubro de 2008**

**Jornalista:** Presidente, o senhor acha que depois de um encontro como este os países grandes vão dar mais atenção aos “bagrinhos”?

**Presidente:** Eu acho que em política não existe espaço aberto ou espaço vazio. Nós temos que conquistar os nossos espaços todo santo dia. Eu acho que Índia, Brasil, África do Sul e outros países emergentes já construíram uma solidez econômica e fiscal que permite discutirmos em igualdade de condições, e até dizer para os países que estão hoje com a crise como é que devem se comportar, na área econômica, para não permitirem que o sistema financeiro vire o cassino que virou, com o *subprime*.

Obviamente esta crise, embora seja uma crise oriunda do centro do simbolismo do capitalismo, que são os Estados Unidos, os resultados dela podem repercutir em todo o mundo por causa do peso da economia americana. Eu fiz questão de ligar para o presidente Bush, liguei para o primeiro-ministro Gordon Brown, já dando parabéns pelas medidas que tomaram, se bem que eu acho que atrasadas. Poderiam ter tomado as medidas três meses atrás, cinco meses atrás, porque esta crise está a mais de um ano rodando, as notícias de jornais...

Obviamente eles sabem que isso poderia ter sido evitado se assumissem a responsabilidade pela crise antes. Acontece que esta crise aparecia nos jornais, tinha hora em que era admitida, tinha hora em que não era admitida, até que chegou um momento em que não dava mais para esconder.



Eu acho que de qualquer forma as medidas foram tomadas, elas ainda não conseguiram surtir o efeito necessário, sobretudo as medidas americanas, porque entre anunciar a medida e regulamentar tem um espaço de tempo. Eu acho que o Gordon Brown foi mais preciso, mais incisivo, ao dizer ao povo inglês que o Estado inglês seria o muro de defesa do povo que tem conta em banco. Acho que a decisão da União Européia também já foi um pouco mais contundente. Acho que os Estados Unidos vão ter que melhorar e aprimorar as suas decisões, e ver que nós temos um processo eleitoral.

No caso dos países emergentes, no caso do Brasil, da Índia e da África do Sul, o que eu disse na reunião foi exatamente isso: para enfrentar uma crise, primeiro nós temos que cuidar da liquidez do nosso sistema financeiro, nós temos que cuidar do crédito para permitir que haja dinheiro para financiar as nossas exportações, nós temos que começar a reunir urgentemente os ministros da Fazenda dos três países, mais os presidentes do Banco Central, mais os ministros da Indústria e Comércio para que a gente possa discutir, inclusive, novas formas de negociação, novas formas de comércio.

Da mesma forma que nós queríamos que a Argentina... A Argentina, nós negociamos agora na moeda brasileira e na moeda argentina, você não tem a introdução de dólares. É preciso começar a fazer esta discussão para saber em quantos países a gente pode fazer isso, quais são os outros mecanismos que nós poderíamos fazer para mudar um pouco a lógica comercial do mundo. O que não dá é para ficar subordinado ao padrão de gente que está falindo, é preciso mudar.

Como tem muita gente inteligente no mundo, vamos colocar as cabeças dessas pessoas para pensar e quem sabe a gente encontra as soluções para que o mundo volte à normalidade. E educar todo mundo para compreender que a melhor forma para um país crescer, a melhor forma da economia crescer, a melhor forma do sistema financeiro ser sólido, a melhor forma das empresas serem sólidas, são todos ganharem dinheiro apresentando como resultado do



setor a produção de um bem material. O que não dá é para ficar na especulação de papéis. Papel passa em 80 mãos, não produz sequer um botão e vai enriquecendo as pessoas no meio. Um dia isso quebra.

Eu acho que todo mundo aprendeu a lição. Tenho conversado com muita gente e todo mundo sabe que daqui para frente nós teremos que mudar as regras. Os Bancos Centrais, reunidos em Basileia, vão ter que tomar decisões e todos terão que cumprir. Acho que o FMI tem que mudar de comportamento. Aquilo que ele se prestou a fazer na década de 90, agora percebe-se que não vale muita coisa. As instituições multilaterais, nessa hora, não funcionam corretamente. Então, é o momento de fazermos uma revisão nas coisas que já tiveram sucesso e que estão fracassando, e o que nós vamos colocar no lugar?

Da parte do Brasil eu vou reafirmar para vocês: nós não iremos parar nenhuma obra do PAC. Nós não iremos parar nenhuma obra de infra-estrutura que estamos fazendo no Brasil, não vamos parar o nosso programa de biocombustíveis. Porque o nosso lema vai ser este: contra a crise econômica, mais produção, mais mercado interno. Vamos ter que procurar novos parceiros, aumentar nossas parcerias com outros países, que é assim que a gente vai conseguir sair dessa crise numa situação favorável e fortalecido.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou que o Gordon Brown (inaudível) para proteger os correntistas e etc. Lá no Brasil tem a (inaudível) de muitas empresas que apostaram que o dólar continuaria se valorizando e ao mesmo tempo o senhor falou também que os bancos estavam escondendo dinheiro. O que o governo brasileiro pode fazer com os bancos que insistem em esconder dinheiro e o que vai fazer com essas empresas que (inaudível)?

**Presidente:** Eu não tenho o número de empresas. Eu acho que todas as empresas que apostaram e que perderam têm que arcar com as suas



responsabilidades. (inaudível) o Brasil estará disposto a criar condições para que o sistema financeiro empreste o dinheiro pela lógica de mercado. Qual é a nossa preocupação? E é por isso que foram disponibilizados 100 bilhões de reais para o sistema financeiro na medida em que ele vai necessitando. O que nós precisamos garantir é liquidez. O que nós precisamos garantir é que se as pessoas quiserem ir ao banco para pegar dinheiro o dinheiro estará lá para a pessoa tomar emprestado.

**Jornalista:** ...eles estão escondendo.

**Presidente:** Não estão escondendo porque nós disponibilizamos 100 bilhões de dólares do compulsório. Não, não pode esconder. O Banco Central vai acompanhar isso porque...

**Jornalista:** ...mas aumentaram as taxas todas, empréstimos ...

**Presidente:** Eu não sei se aumentaram as taxas. O dinheiro disponibilizado do Banco Central é exatamente o compulsório remunerado, portanto é taxa de mercado. (inaudível) ninguém vai poder dizer que está faltando dinheiro no Brasil para financiar quem queira tomar dinheiro emprestado.

**Jornalista:** Mas o que vai ser feito se os bancos continuarem retendo esse dinheiro (inaudível)?

**Presidente:** O Banco Central vai ter que tomar tudo. Toma o dinheiro de volta. Pega o compulsório outra vez, até porque o Banco Central só vai liberar o dinheiro na medida em que houver a concessão do empréstimo. É para isso que nós estamos liberando.



**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** É muito importante que a gente tenha reservas em dólares e você sabe o sacrifício que fizemos para juntar. Eu queria lembrar a você de quando eu vim em 2004 aqui na Índia, a Índia naquele mês anunciava 100 bilhões de dólares de reservas. E na época estávamos voltando para o Brasil, estava Celso, Palocci, eu e ficávamos imaginando o dia em que o Brasil tivesse 100 bilhões de dólares de reservas, como seria bom para o Brasil.

Em dois anos chegamos a 207 bilhões de dólares. Isso é extremamente importante porque dá segurança ao País, isso pode funcionar na medida em que agora começamos a passar um pouco desse dinheiro para o Banco do Brasil no exterior para que ele possa emprestar para exportação, como empréstimo, para que a gente não diminua a quantidade da nossa dívida. Então, nós vamos continuar fazendo reserva porque dá uma segurança. É que nem na sua casa, se você chegar em casa e perguntar para a sua esposa: “Temos algum dinheirinho”? e ela responde: “Tem aí uma reservinha que eu fiz”, vai ser um alívio. Então, para nós é um alívio ter essa reserva. O Tesouro tem recursos para resolver os problemas internos em reais e nós vamos cuidar disso. A única coisa que eu tenho clareza é de que nós vamos cuidar passo-a-passo, tomar medidas em função das necessidades e, disse para vocês, nós não vamos fazer aquela coisa que se fazia antigamente: um pacote econômico baixava uma série de coisas que falhavam três meses depois. Nós não vamos fazer. Eu estou tranquilo com relação ao Brasil, de vez em quando eu vejo vocês inquietos a me perguntarem porque que a crise não chega logo no Brasil. Ela não chega logo porque o Brasil está bem, porque tem desenvolvimento, porque tem contratação e obras públicas pelo governo. Ela não chega logo porque de 112 (inaudível) de dólares que a Petrobras tem que investir até 2012, calculado o preço do barril em trinta e cinco dólares, não em oitenta e cinco, para 104 bilhões de dólares em caixa próprio da Petrobras, não



é dinheiro emprestado. Por isso é que nós estamos com um certa tranqüilidade, sabendo que se tiver uma recessão pode causar problemas ao Brasil, mas em vez de ficar chorando, nós temos que aumentar nossas exportações para a Índia, para a Indonésia, para os países africanos, para os países do Oriente Médio. É assim que a gente leva a vida. Nesse negócio de crise econômica não vale a música do Zeca Pagodinho, “Deixa a vida me levar”. Esse negócio, a gente toma posição e sai na frente.

**Jornalista:** Presidente, a oposição fala que para aprovar, precisa ter uma medida provisória que ajude (inaudível) principalmente pequenos bancos (inaudível). A oposição diz que para aprovar essa medida só se tirar a proposta de que o Fundo Soberano (inaudível). O que o governo diz?

**Presidente:** Não, o Fundo Soberano é extremamente importante. Não sei. Não sou do Congresso Nacional, meu filho. Eu estou aqui a quase 15 mil quilômetros de distância. Não sou líder do Congresso, não sou deputado, não sou senador, como é que eu posso responder?

Eu acho que eles têm que agir para fazer com que se facilite a votação das coisas que são consideradas prioritárias neste momento. Qualquer que seja a decisão deles, para mim está ótimo. O que eu quero garantir é que o Brasil vai continuar crescendo, que o mercado interno vai continuar sendo uma das molas propulsoras do nosso crescimento, e é tudo o que vocês querem também.

**Jornalista:** O governo pode ajudar as empresas que apresentarem dificuldades?

**Presidente:** Não, o governo não ajudará empresas. O governo emprestará dinheiro, através dos bancos, para quem tiver condições de pegar dinheiro



emprestado.

**Jornalista:** Os bancos oficiais?

**Presidente:** Os bancos brasileiros, dos quais fazem parte os oficiais. Quem quiser dinheiro e puder tomar emprestado, será emprestado o dinheiro.

**Jornalista:** Tem problema em algum banco, Presidente?

**Presidente:** Não, nos bancos grandes ninguém tem problema. Pelo que nós detectamos eram problemas com bancos de investimento pequenos. Foi por isso que nós, há algum tempo, tomamos as medidas de garantir que os bancos maiores pudessem comprar a carteira desses bancos menores. Depois nós mandamos a medida provisória para fazer o redesconto pelo próprio Banco Central, para não permitir que os bancos pequenos ficassem com a espada na cabeça dos bancos grandes. E, depois, o Banco do Brasil comprou três carteiras de bancos menores. E assim, agora, com a medida provisória, quem tiver problema vai ao Banco Central e faz um redesconto, sem nenhum problema.

**Jornalista:** (inaudível)

**Jornalista:** Com que blocos(?), Presidente, se ela está (inaudível)?

**Presidente:** Isso começou ontem, gente, pelo amor de Deus.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** (inaudível) a matéria, (inaudível) só para lembrar, a Marta vai



ganhar as eleições em São Paulo.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Com votos do povo de São Paulo.

**Jornalista:** Mas as pesquisas indicam que há muito mais...

(\$31EGJLMQ)